

**ENTRE RELIGIO ET SUPERSTITIO:
UMA DAS LEITURAS POSSÍVEIS DE O ASNO DE OURO,
DE APULEIO DE MADAURA**

*Sônia Regina Rebel de Araújo**

Abstract

In this article, I intend to analyze Lucius' course, a Roman citizen, from the search for magic, what carted him the metamorphosis in ass, slavery and suffering synonym, to the acceptance of the cult of Isis, after the recovery of his human form in the context of the Festival of the Navigation of Isis. With the human form, Lucius recovers the Roman citizenship, passing being devoted to the goddess's cult. My text analyzes the passages in witch is the condemnation of magic and the popular cults, and the exaltation of the cult of Isis. To give bill of this mark, I analyze some passages of this Greek romance, especially the constants in the Books I and XI.

Keywords: roman religion; roman literature; slavery ideology.

Resumo

Neste artigo, pretendo analisar o percurso de Lúcio, um cidadão romano, da procura por magia, o que lhe acarretou a metamorfose em asno, sinônimo de escravidão e sofrimento, à aceitação do culto de Ísis, depois da recuperação da forma humana no contexto da festa da Navegação de Ísis. Com a forma humana, Lúcio recupera a cidadania romana, passando a se dedicar ao culto da deusa. Meu texto analisa as passagens em que há a condenação à magia e aos cultos populares, e o enaltecimento do culto de Ísis. Para dar conta deste escopo, analiso algumas passagens deste romance grego, especialmente as constantes nos Livros I e XI.

Palavras-chave: religião romana; literatura romana; ideologia escravista.

* Professora adjunta de História Antiga do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da UFF. Membro do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antigüidade (CEIA/UFF).

Introdução

Em artigo recente nesta mesma Revista (ARAÚJO, 2006), abordei as metáforas escravistas que, a meu ver, estruturam esta obra tão importante. Sustentei naquela ocasião que a linha narrativa principal passava pelo tema da escravidão, ou seja, que a metamorfose de Lúcio em asno significava cair em escravidão, e seu retorno à forma humana significava, juntamente com a liberdade, a cidadania e a posse de bens. Neste sentido, conferi grande importância às passagens sobre o tratamento que unia os escravos aos animais num contexto em que privilegiei a análise da ideologia escravista.

Trata-se agora, porém, de analisar a trajetória de Lúcio, personagem central do “romance grego” **Metamorfoses** ou **O Asno de Ouro**, de Lúcio Apuleio, da busca inicial pela magia, o que lhe acarretou inúmeros dissabores, inclusive a sua transformação em besta de carga, até o seu encontro com o culto de Ísis, a recuperação da forma humana e a sua iniciação nesta religião aceita no mundo romano desde a República. Discutirei as implicações sociais e ideológicas da segunda metamorfose, ou seja, da situação de besta de carga à recuperação da humanidade, da integridade física, da honra e da cidadania. As balizas desta discussão situam-se no estudo da identificação da humanidade perdida com a escravidão e a morte e, ao contrário, a volta à forma humana significaria recuperar a posse de bens, escravos, família, honra e poder, ou seja, a cidadania romana. A ênfase neste artigo recairá sobre a condenação da magia, buscada por Lúcio, e a reverência ao culto de Ísis.

Há uma discussão sobre esta obra e a pertinência do Livro XI, no seu conjunto, que pretendo enfocar. A tradutora de **O Asno de Ouro** para o português, Ruth Guimarães, diz: “E aparece todo um excrescente capítulo XI, de iniciação aos mistérios da religião, e que destoa do tom geral irreverente do livro”.¹

Discordo desta interpretação. Na verdade, em minha análise, destaco a unidade da obra, do livro I ao XI, e afirmo como hipótese heurística central o seguinte: se o texto apuleiano é estruturado sobre metáforas que unem escravos e animais, e a metamorfose de Lúcio em asno significava assemelhar-se a escravos, ou mesmo cair em escravidão, por apresentar defeitos típicos dos escravos – curiosidade e luxúria –, há uma imbricação entre esta linha narrativa e a que privilegia o percurso de Lúcio em busca de magia e seu recurso à deusa Ísis como forma bem-sucedida de recuperar

a forma humana e a cidadania, o que implicou cair em nova, mas desta vez benfazeja, escravidão. Afirmo, portanto, que há uma unidade, e não uma excrescência, entre todos os livros, do I ao XI, porquanto o autor une habilmente a busca de magia e luxúria à escravidão e à baixaza, simbolizadas pelo couro do asno, e a renúncia a estes defeitos à definitiva libertação. A segunda hipótese é a de que a visão do autor é rigorosa tanto sobre escravos quanto sobre a magia e os cultos populares, tidos como mais próximos dos escravos. Neste sentido, o livro I é o oposto do Livro XI, pois no primeiro vê-se a condenação à magia, especialmente a magia negra, e no Livro XI vê-se a apologia ao culto assimilado de Ísis. Em síntese, o texto mostra Lúcio num percurso que vai da curiosidade por magia e da licenciosidade – o que só lhe trouxe desgraças – à dedicação ao culto integrado e romanizado de Ísis; sua dedicação a este culto representa a libertação de seus erros passados e a queda em nova “escravidão”, desta vez benfazeja, ao culto da deusa.

Nesta oportunidade, gostaria de analisar, a partir de **O Asno de Ouro**, de Apuleio, um aspecto ideológico constante em sua obra: a crítica ao que os romanos chamavam *superstitio* e a valorização de uma religião que, embora de origem estrangeira, adquirira *status* de cidadania e aceitação entre os romanos. Nesta discussão, tal aspecto aparece no embate entre magia – e precisamente magia negra, observando-se a disforia em relação a este aspecto da religiosidade popular – e o culto de Ísis, bastante enaltecido nesta obra. A meu ver, o que Apuleio achava condenável, e expressou neste texto, é exatamente a religiosidade popular e a magia, sobretudo.

A estrutura deste texto está organizada sobre metáforas: escravos como coisas e animais; animais como escravos; escravidão e morte. No pensamento romano, viver com escravos implicava ao menos três situações e significados: a) manter um estilo de vida civilizado; b) conviver com crianças, o que implica resignação; c) conviver com coisas desagradáveis, mas inevitáveis, como a morte. Neste artigo, vou priorizar esta última acepção, a metáfora da morte para significar cair em escravidão, embora as outras acepções apareçam nesta obra.

Quanto à forma, uma palavra breve: trata-se de um *romance grego* que contém romances gregos e fábulas. É um romance de aventuras, com ocorrências como raptos, separação dos amantes, ameaças à integridade física do herói e da heroína. Mas a história de Lúcio, que sofre uma metamorfose e perde a condição humana, para só reencontrá-la no final da obra, também é um “romance grego”, porque é a perda da cidadania, e mesmo da

vida, que o nosso herói sofre, pois a escravidão é uma espécie de morte em vida. Como há muitas ocorrências envolvendo animais, a principal sendo o asno-Lúcio, o gênero fábula é importante também na estrutura do livro. É importante ressaltar o uso das fábulas, neste texto, para metaforizar a escravidão (FITZGERALD, 2000; GARNSEY, 1996).

Quanto à teoria e metodologia, além das considerações sobre ideologia escravista, baseio-me em pressupostos de Lucien Goldmann que mostram, por um lado, que toda obra literária é fruto das estruturas mentais de determinado autor, mas estas estruturas são transindividuais, coletivas, e por tal motivo é possível analisar histórica e sociologicamente as obras literárias. Outro pressuposto fundamental para a minha análise é o que diz que a obra literária, por motivos estéticos, tem estruturas sobre oposições, o que significa que o autor, para deixar claro o seu ponto de vista, delinea, ao lado de sua “tese”, a tese oposta, o ponto de vista em que ele não acredita e mesmo condena². Desse modo, as oposições nesta obra são: a magia e os cultos populares opostos ao culto de Ísis (*superstitio versus religio*) e escravidão *versus* liberdade e cidadania.

Analiso, então, o percurso de Lúcio, cidadão romano que vai a Tessália em busca de magia (APULEIO. **O Asno de Ouro** I) e que, por demonstrar curiosidade por este assunto, além de comportamento licencioso, foi transformado em asno (L. II), uma metáfora para a escravidão corrente no mundo romano. Analiso várias ocorrências neste extenso relato, procurando verificar a visão apuleiana sobre cultos válidos e aceitáveis no mundo greco-romano – o de Ísis é o mais enaltecido –, contrapondo-os à *superstitio*, como algumas crenças populares, principalmente a magia, o que demonstra que também nessa circunstância Lúcio permanecia prisioneiro de seus defeitos servis, para, finalmente, verificar e analisar o delineamento do culto de Ísis nesta obra singular, pois foi devido à deusa Ísis que Lúcio recupera a forma humana e, com ela, a cidadania romana. Minha análise, por tal motivo, detesse-á mais demoradamente no Livro XI de **O Asno de Ouro**.

1. Lúcio: a busca de magia e a queda em escravidão

O autor, Apuleio (I,1), diz que vai narrar várias fábulas em estilo *milesiano* (ou seja, picaresco, de humor pesado, cínico). Diz que “da Grécia veio esta história” (I, 1) numa clara alusão ao estilo e a ao gênero principal, o *romance grego*.³ O leitor verá “seres humanos despojados de sua imagem

e condição, tomarem outra forma; depois ao contrário, e por uma ordem inversa serem convertidos em si mesmos” (I, 1). Neste mesmo capítulo, ele se diz grego de origem, bilíngüe, versado em grego e latim, pois aprendera a língua latina em Roma, com muito esforço.⁴

Ao longo de todo o Livro I (I, 2; 3, 7-8) Apuleio nos narra a viagem de Lúcio pelo território grego em busca de magia, de práticas e conhecimento sobre magia. Narra também a atuação maléfica de várias feiticeiras dedicadas à magia negra, assim como o seu comportamento sexual exacerbado ou vicioso, e prenuncia, em várias passagens, os malefícios que ocorreriam a quem procurasse a magia (I, 7-8: há a primeira menção às desgraças que ocorrem com quem se dá a prazeres servis como assistir a jogos de gladiadores, juntar-se a prostitutas, o que implica perder tudo o que se tem; I, 12: bruxas dizem que a curiosidade é que perdeu o homem). A magia negra, neste primeiro livro, é mostrada desta forma no diálogo entre dois personagens, Aristômenes e Sócrates, a vítima da bruxa:

Que espécie de mulher é então esta estalajadeira tão poderosa, esta rainha de bordel? Mágica e adivinha, tem o poder de abaixar o céu, de suspender a terra, de petrificar as fontes, de diluir as montanhas, de sublimar os mares e derrubar os deuses, de apagar as estrelas e iluminar o Tártaro (I, 8).

A história de Aristômenes é contada a seu companheiro de viagem, Lúcio, o nosso herói, e ele narra as mágicas desta feiticeira contra seus inimigos, transformando-os em animais, num claro prenúncio do que está para acontecer a Lúcio, caso ele prossiga em seu interesse por magia.

Um de seus amantes cometeu a temeridade de lhe ser infiel. Com uma única palavra ela o transformou em castor, a fim de que ele tivesse o destino daquele animal selvagem que, por temor ao cativo, corta as partes genitais para se livrar dos caçadores. O dono de uma casa de prazer vizinha, que por isso mesmo lhe fazia concorrência, foi trocado por ela em rã. (...) De outra feita, um advogado tinha falado contra ela. Foi transformado em carneiro, e hoje temos um carneiro que advoga... (I, 9).

Finalmente, Aristômenes narra o assassinato de Sócrates pela feiticeira num ritual de magia negra:

(...) Méroë [a feiticeira] (...) Inclinando para a direita a cabeça de Sócrates, mergulhou a espada inteira, até o punho, no lado esquerdo da garganta; depois aproximou um odrezinho e recolheu o sangue que jorrava, diligenciando para que nenhuma gota se perdesse. (...) Para conservar, creio, a esta imolação todas as características de um sacrifício, a doce Méroë a mão direita no ferimento, remexeu até o fundo das entranhas, e retirou o coração de meu desgraçado camarada... (I, 13).

Mesmo assim, Lúcio prossegue rumo a Tessália, terra famosa por seus feiticeiros, e se hospeda em casa de Milão, cuja esposa era maga. Foi por demonstrar possuir defeitos típicos dos escravos – atitudes servis –, curiosidade, neste caso por magia, e lascívia, que Lúcio foi transformado em asno (FITZGERALD, 2000). O anúncio de que ele deveria se afastar de Panfília, mulher de Milão e maga, feito por Birrena, açulou ainda mais sua fatal curiosidade: é-lhe dito que Panfília praticava magia negra, e que se vingava dos enamorados que a rejeitavam transformando-os em animais. A descrição dos prodígios de Panfília mostra-a como um símile de Méroë:

(...) Guarda-te, energicamente dos perigosos artifícios e da criminosa sedução dessa Panfília, mulher do Milão que dizes ser o teu hospedeiro. Ela passa por mágica de primeira ordem, e entendida em todos os gêneros de encantamentos sepulcrais. Consegue (...) mergulha toda a luz do mundo sideral no fundo do Tártaro e no Antigo Caos. (...) Mas aqueles que se mostram morigerados, e que por seu desdém incorrem em seu desfavor, ela os transforma em pedras, em carneiros, em quaisquer animais, sem falar daqueles que simplesmente suprime (II, 5).

Portanto, Birrena avisa Lúcio de que se interessar por magia negra, de que persistir naquela curiosidade lhe acarretariam a desgraça de transformar-se em animal ou então morrer. Ora, justamente, sua primeira metamorfose em asno significava cair em escravidão, considerada um tipo de morte, morte para a vida civil. No entanto, Lúcio tem a sua curiosidade aguçada, como abaixo se constata:

Mas eu, com a minha habitual curiosidade, logo que ouvi mencionar a arte mágica, desde sempre objeto de meus desejos, em vez de ter cautela com Panfília, ambicionei, ardentemente, meter-me em tal escola, e precipitar-me de um pulo em pleno báratro (L. II, 6).

Lúcio desconsidera os avisos de Birrena e, uma vez hospedado em casa de Milão, envolve-se sexualmente com a escrava Fótis.⁵ Certo dia, ainda buscando a magia, viu a dona da casa, Panfilia, se transformar em coruja e sair voando⁶ e desejou fazer o mesmo. Para isso, pediu a ajuda da escrava Fótis, de quem se tornara amante. Por esses dois motivos foi punido com a metamorfose em asno: “Eu, entretanto, se bem que asno acabado e de Lúcio transformado em burro de carga, conservara uma inteligência humana” (III, 26).

A ideologia do mundo greco-romano era escravista (GARNSEY, 1996). Isto significa que os letrados e senhores de tal mundo tornaram a sua ideologia a dominante daquela sociedade, e os traços principais do pensamento romano sobre os escravos eram os seguintes: a) ver os escravos principalmente como propriedades ou mercadorias, subsumindo a esta condição sua humanidade (GARNSEY, 1996; FINLEY, 1991, p. 96-113); b) os escravos seriam submetidos a todo o tipo de coerção física para serem obrigados a servir adequadamente; c) os escravos eram seres inferiores, cheios de defeitos morais, o que justificava a violência e os maus-tratos empregados contra eles; d) os escravos eram seres humanos desenraizados, arrancados de seu meio socionatural por algum motivo violento. Assim sendo, apontar os defeitos dos escravos era o meio mais cru de justificar a sua situação degradada. Os defeitos mais comuns dos escravos seriam, nesta ideologia, curiosidade e luxúria. As orelhas grandes do asno simbolizam o fato de escravos ouvirem tudo o que se refere aos amos. Isto significa duas coisas: a) curiosidade, defeito dos escravos; b) que se fala de tudo na frente dos escravos, não se respeita a individualidade, a personalidade, a humanidade dos escravos. A menção às “vantagens naturais” indica o tamanho desmesurado do pênis do asno, a lascívia de Lúcio. Quanto à curiosidade, há menções explícitas nos livros I, II, IX, 12 e 13 à “*minha curiosidade natural*” (X, 29).

Tal metamorfose trouxe-lhe inúmeros dissabores como: ser capturado por *latrones*; ser explorado economicamente; realizar trabalhos pesados em moinhos; cair em mãos dos sacerdotes de Cibele, culto não autorizado no mundo romano; sofrer constantes ameaças de morte.

2. Entre *religio* et *superstitio*

Os romanos falavam de religiões, não propriamente “orientais”, mas “estrangeiras”. (...) Os cultos orientais ameaçavam a integridade religiosa da *urbs*. Toda cidade antiga defendia a sua identidade nacional impondo os seus deuses. (TURCAN, 1992, p. 16).

Em Roma, opunha-se voluntários da religio (nacional e autêntica) à superstitio (exótica e suspeita). Tudo aquilo que se desviava do ritual ensinado pelos ancestrais e legitimado pela tradição, era tido como superstitio, notadamente as práticas marginais do profetismo e do ocultismo, as técnicas de exaltação mental, de contato direto com o sobrenatural e o sagrado, (...) sem a mediação dos pontífices, dos flâmines e dos augure (TURCAN, 1992, p. 17).⁷

Os romanos assimilavam à *urbs* os homens e os deuses de fora; os primeiros, por libertação, manumissão, caso dos escravos, ou concessão de cidadania; os segundos, pela consulta aos Livros Sibílicos ou pelo ritual da *euocatio*.⁸ A entrada do culto de Ísis em Roma deu-se no período republicano. Um exemplo de político romano que a cultuava é Sulla, e é de sua época a primeira organização de uma confraria de Ísis (TURCAN, 1992, p. 20-21).

A ligação entre as autoridades romanas e os deuses nilóticos começa na República e permanece no Alto Império. César introduz, recupera, os mistérios báquicos; os triúmviros, que vingam a sua morte e assassinam Cícero, erigiram oficialmente um templo a Ísis e Serápis; Otaviano consegue derrotar Marco Antônio e Cleópatra, que se valiam de deuses nilóticos, como Anúbis. (VIRGÍLIO. *Eneida* VIII, 698). Os imperadores Augusto e Tibério reprimiram os cultos que discrepavam dos costumes dos ancestrais; Calígula era aficionado aos deuses egípcios; Cláudio favoreceu o frigianismo; Nero se interessava pela Deusa Síria e a doutrina dos magos; Oto participava das procissões isíacas, e na crise de 69 os cultos orientais se manifestaram fortemente; Vespasiano recebe a consagração divina de Serápis; Domiciano era ligado ao culto isíaco (...) “Enfim, antes da celebração de seu triunfo na Judéia, Vespasiano e Tito passam a noite no santuário de Ísis no Campo de Marte. Os Flavianos não esqueceram o que deviam aos deuses do Nilo” (TURCAN, 1996, p. 20-21).

O autor contrasta o formalismo da religião oficial romana com os cultos orientais: estes ofereciam emoções fortes e sensações a um mundo exaurido, tanto pelos ritmos selvagens e frenéticos das danças egípcias quanto pelo som agudo dos sistros isíacos e pelos sons roucos dos sacerdotes de Atargatis ou de Belona e os tamborins dos gauleses, pois esses sons não deixavam as pessoas indiferentes. Quanto ao visual, as celebrações públicas dessas religiões ofereciam contrastes, o que não ocorria com a religião e o cerimonial romanos. Cores como o branco das vestes dos seguidores de Ísis e o negro das vestes dos sacerdotes da deusa Ísis aparecem nas procissões; as vestes rajadas de púrpura do clero ambulante da deusa Síria; os costumes suntuosos dos sacerdotes de Mitra, tudo isso dava uma impressão marcante, uma lembrança imperecível a quem via tais rituais. Por fim, ressalte-se que o culto de Ísis apresenta dois temas estranhos à religião romana: o da providência de uma deusa universal e o de salvação. Ao se romanizar e integrar este culto, os romanos estavam assimilando uma resposta à necessidade de debelar a angústia diante da morte, o medo do que poderia acontecer no além, nos infernos e talvez uma necessidade do absoluto.

3 . Lúcio de volta à condição humana: a segunda metamorfose e o culto de Ísis

Depois de muito sofrimento, Lúcio-asno chega ao porto de uma cidade onde se dará a festa do reinício da navegação, festa conhecida como Navegação de Ísis, no final do inverno e início de primavera, dia 5 de março, quando o mar estava calmo e as navegações e a pesca poderiam ser retomadas. Esta passagem é importante porque marca o fato de que Lúcio renuncia aos prazeres servis, dentre os quais a curiosidade por cultos não oficializados e aprovados, e abraça um culto “verdadeiro”, o de Ísis. Nesse sentido, o Livro XI narra a dedicação de Lúcio ao culto de dois deuses nilóticos, Ísis e Serápis-Osíris.⁹

Asno-Lúcio ergue uma prece à deusa Ísis. No capítulo 1, a purificação antecede a prece, e ele implora por salvação; no 2, há a prece propriamente: ele chama Ísis pelos nomes de várias deusas, pede salvação, volta à forma humana, “*devolve Lúcio a Lúcio*” (XI, 1-2). A deusa Ísis aparece-lhe em sonho e dá-lhe várias ordens para que ele volte a ser Lúcio. Ele tem uma visão da deusa cujo aspecto é assim caracterizado: longa cabeleira, coroa

de flores no alto da cabeça, disco imitando a lua na frente; duas víboras nos flancos direito e esquerdo; espigas de Ceres, no lado mais ao alto.

Sua túnica de cor cambiante, tecida do linho mais fino, era branca como o dia, amarela como a flor do açafraão, vermelha como a chama. (...) o que mais maravilhava meus olhos era um manto de um negro intenso, resplandecente, de um brilho sombrio (XI,3).

Ainda sobre a roupa e aparência de Ísis, o autor destaca que a barra do manto era bordada de astros, estrelas, uma lua que despedia chamas. A deusa traz atributos variados: na mão direita, um sistro de bronze com pequenas campainhas; na mão esquerda, uma lâmpada de ouro em forma de barca, cuja asa era encimada por uma áspide; os pés calçados com sandálias trançadas em folhas de palmeira, “a árvore da vitória”; a deusa estava envolta em “caros perfumes da Arábia” (XI, 4).

A deusa fala com Lúcio e afirma ser mãe da natureza inteira, governante dos astros, divindade suprema, primeira entre as habitantes do céu. “Potência única, o mundo inteiro me venera”, o que comprova a idéia de providencialismo e de uma deusa universal dentro do paganismo. Ela diz que ouviu a prece de Lúcio e vai atendê-la, vai salvá-lo¹⁰ no dia seguinte, que é o dia da sua festa (5 de março), favorável ao início da navegação, e dá-lhe instruções para que se salve (XI, 5). Continuando a dar-lhe as instruções, fala nas rosas trazidas por seu sacerdote e que ele deve avançar dentre a multidão para comê-las e fazer isso com calma, pois avisará, nessa mesma noite, ao seu sacerdote desta ocorrência. Acima de tudo, lembra a ele que deve se consagrar a ela a partir deste dia e que vai se tornar escravo da deusa (XI, 6). A preocupação com a morte, com a vida nos infernos depois da morte, enriqueceu a noção de “salvação”, de estar a salvo de perigos e sofrimentos do após morte.

O autor narra a comemoração do dia 5 de março – o festival da Navegação de Ísis – cujo eixo é uma procissão de que participam populares, fiéis, sacerdotes, representações dos deuses e uma figuração da própria deusa Ísis, mostrando a alegria do dia nascente (XI,7). A procissão, um rito carnalizado, começa com os fiéis e o travestismo é uma das suas características: um [fiel] é [vestido como] soldado; o outro, gladiador; o outro está vestido de mulher com peruca de longos cabelos; outro, vestido de púrpura e precedido por carregadores de feixes, aparentava um magistrado; outro, um filósofo; um

passarinheiro e um pescador com seus anzóis. Também apresentava animais travestidos: um macaco vestido à moda frígia, de amarelo, parecia o pastor Ganimedes; um urso domesticado, carregado em liteira, vestia roupas de mulher; um burro com asas falsas e um velho, ao seu lado, simulavam ser Pégasos e Belerofonte (XI,8). Ainda quanto aos fiéis, desfilavam mulheres ricamente vestidas, jogando rosas e aspergindo perfumes por onde passavam. Numerosos homens e mulheres levavam tochas; depois, vinham músicos com gaitas e flautas de melodias suaves – moços de roupas alvíssimas de linho e moças flautistas de Serápis. Observe-se a presença de sons e cores neste ritual festivo, contrastando com a frieza do ritual romano (XI, 9).

Seguiam-se os iniciados e os sacerdotes: primeiro, os iniciados, homens e mulheres com roupas brancas de linho; homens de cabeça raspada tocavam sistros, as mulheres usavam véus transparentes; a seguir, os ministros da deusa levavam seus atributos: o primeiro, uma lâmpada em forma de barquinho de ouro que espalhava claridade; o segundo, um altar chamado “socorro”; o terceiro, com uma palma de ouro e um caduceu, lembrava Mercúrio. O quarto levava o emblema da Justiça, com a palma da mão esquerda aberta e na direita, um vasinho de ouro em forma de mama, com leite, com o qual fazia libações de leite; o quinto carregava uma caixinha de ouro; e o sexto, uma ânfora (XI, 10).

Ainda quanto à procissão, apareciam os deuses: o primeiro é Anúbis, “de horrendo aspecto”, mediando entre o mundo superior e o inferno, rosto meio negro e meio dourado”; uma vaca – Hathor –, símbolo da fertilidade; um terceiro levava Ísis, sob a forma de uma caixa dourada, “símbolo inefável da religião que deverá permanecer com os seus segredos cercados do mais profundo silêncio”.

Neste momento, Lúcio consegue se aproximar do sacerdote e comer delicadamente a coroa de rosas que trazia na mão.

O sacerdote, já advertido (...) pelo oráculo da noite (...), estendeu por si mesmo a mão, e pôs a coroa [de rosas] à altura de minha boca. Então, palpitante, o coração batendo furiosamente, agarrei avidamente aquela coroa, que fulgurava com as frescas rosas com que estava entrelaçada. Devorei-a, impaciente por ver cumprir-se a promessa. (...) minha deformada aparência de besta se desfez imediatamente. Primeiro, foi-se o pêlo esquálido; depois o couro espesso se amaciou e o ventre obeso abaixou; na planta dos meus

pés, os cascos deixaram emergir os dedos; minhas mãos não eram mais patas, e se prestavam às funções de membro superior; meu longo pescoço chegou aos seus justos limites; meu rosto e minha cabeça se arredondaram, minhas orelhas enormes voltaram à sua pequenez primeira; meus dentes, semelhantes a tijolos, reduziram-se às proporções humanas; e a cauda, sobretudo, que me cruciava, desapareceu! O povo se espantou, os fiéis adoraram a potência manifesta da grande divindade e a facilidade magnífica com a qual se cumprira, conforme as visões da noite, aquela metamorfose... (XI, 13).

Quanto a mim, o excesso de meu estupor me tinha pregado no lugar, incapaz de uma palavra, pois era demais para o meu ânimo uma alegria tão grande e tão súbita. Não sabia o que dizer de preferência, nem por onde começar. Como entrar na matéria, com a voz que me era devolvida. Com que palavras de feliz augúrio saudar em mim o renascer da linguagem. Em que termos bastante expressivos exprimir gratidão à augusta deusa. O sacerdote, no entanto, instruído de todas as minhas desgraças, desde a origem, por alguma revelação divina, se bem que comovido ele próprio por esse espantoso milagre, com um sinal de cabeça ordenou que me dessem uma veste de linho com que eu me cobrisse, pois despojado do nefasto envoltório de asno, eu tinha apertado fortemente minhas coxas, tapando como podia com as mãos, para me proteger decentemente, com um anteparo natural. Então, alguém do piedoso cortejo arrancou vivamente a sua túnica de cima e se apressou a me revestir com ela... (XI, 14).

Uma vez readquirida a forma humana, Lúcio recupera a linguagem, o pudor, ganha roupas, ou seja, perde os atributos de besta de carga e retorna à civilização. Ele abandona, juntamente com o envoltório de asno, seus defeitos de curiosidade e luxúria. Por isso, a menção ao sentimento de vergonha por estar nu no meio da multidão e às roupas de linho de um seguidor da deusa que o encobrem é relevante neste contexto. Isto é confirmado no discurso do sacerdote de Ísis endereçado a Lúcio e ao público:

Depois de teres passado tantos e tão variados trabalhos, rudemente sacudido pelos assaltos da Fortuna (...) chegaste enfim, Lúcio, ao porto do Repouso e ao altar da Misericórdia. Nem teu nascimento, nem teu mérito, nem mesmo a ciência que floresce em ti te serviram. As tentações da verde juventude te fizeram escolher

volúpias servis. Tua fatal curiosidade te valeu amarga recompensa. (...) Ladrões, feras, servidão, marchas e contramarchas sobre caminhos aspérrimos, terror cotidiano da morte, de tudo isso que proveito tirou a nefanda fortuna? Foste recolhido agora sobre a proteção de uma Fortuna clarividente e que ilumina até os outros deuses com os raios de sua luz. (...) Ei-lo, aí está, livre das antigas atribulações, pela providência da grande Ísis (...) engaja-te na santa milícia (...) para prestar juramento. Consagra-te desde já às observâncias da nossa religião e submete-te voluntariamente ao jugo do seu ministério. Quando entrares ao serviço da deusa, verás e sentirás, então, verdadeiramente, que começa a desfrutar da tua liberdade (XI, 15).

Nesta passagem fica claro que foram a “fatal curiosidade” de Lúcio e o fato de ter se entregue a “prazeres servis”, numa alusão ao seu relacionamento com Fótiis, as causas de ele ter se transformado em escravo-asno. Em seu discurso, o sacerdote sintetiza os perigos e abismos da servidão: trabalhos, feras, raptos, terror cotidiano da morte. Ele contrapõe a Fortuna incerta à religião isíaca, contrapõe igualmente a escravidão à servidão voluntária, o que implica a observância aos ritos do culto de Ísis. Finalmente, afirma que Lúcio estava “morto”, mas nasceu de novo, é outro, mas que terá que, na nova vida, renascida, se dedicar ao culto de Ísis numa nova escravidão, desta vez signo da verdadeira liberdade.

Após readquirir a forma humana, Lúcio volta a ser cidadão-proprietário e parente. Note-se a importância do direito à propriedade para caracterizar a cidadania perdida e recuperada:

Entrementes, a Fama de asas velozes (...) indo direto até minha pátria, espalhará o rumor do adorável benefício que me concedera providencialmente a deusa, assim como a minha própria fortuna memorável. Imediatamente, os meus amigos, os meus escravos e todos os que tinham comigo laços de sangue deixaram o luto tomado à falsa notícia de minha morte e acorreram com a alegria da imprevista felicidade, carregados de presentes diversos, para ver com os seus próprios olhos minha volta do inferno para a luz do dia. Reconfortado eu também ao vê-los, do que abandonara a esperança, acolhi com gratidão seus generosos oferecimentos, pois meus amigos, com previdente cuidado, tinham trazido de que prover largamente minhas despesas (XI, 18).

Novamente, observa-se a metáfora de escravidão como morte, inferno, e liberdade metaforizada como “luz do dia”. Ele estava, na pele de asno, como uma besta de carga, assemelhado a escravo, ou seja, morto para a vida de cidadão; o renascimento de Lúcio, após a recuperação da forma humana, significou também o retorno à condição de proprietário, de membro de uma família e mesmo de dono de escravos.

4 . Iniciação de Lúcio e decidida conversão ao culto de Ísis

Lúcio, depois da metamorfose, acompanha a festa, a procissão até a praia, e é apontado como aquele que renasceu. Na praia, há o ritual de soltar ao mar um navio novo, especialmente construído, com velas brancas, bordadas a ouro, com palavras significando o desejo de reinício auspicioso da navegação. O povo todo – fiéis ou profanos – jogava oferendas ao mar, perfumes e libações de papas de leite. O navio levantou âncora e, carregado de presentes, saiu ao mar; afastando-se o navio, o povo retornou ao templo em alegria (XI, 16). Lúcio assiste à cerimônia no templo em que, com ritos e palavras em grego, o sumo-sacerdote anuncia a reabertura da navegação (XI, 17).

Ele arruma residência no templo e se põe a contemplar a deusa em adoração; começa a insistir para ser iniciado, mas deve seguir várias precauções. Numa clara demonstração de que a cidadania romana implicava ter o direito a propriedade, há uma ocorrência em que ele sonha com o anúncio de que vai chegar um seu escravo chamado Cândido. Este sonho é importante e muito significativo nesta narrativa, pois o sonho era um dos anúncios da deusa, uma das maneiras de se comunicar com os fiéis, inclusive de informar quando seria a iniciação.

Uma noite, vi em sonho o sumo-sacerdote que me apresentava, cheio de alguma coisa, o pano de suas vestes. Perguntei-lhe o que era aquilo; respondeu que eram remessas para mim, feitas da Tessália, e que chegara, daquele país, um meu servidor chamado Cândido. Ao despertar, perdi-me em conjecturas sobre esta visão, e sobre o seu significado, tanto mais que tinha certeza de não ter jamais possuído servo com tal nome. Qualquer que fosse o presságio a tirar desse sonho, a alusão a coisas trazidas era sinal certo de proveito, eu sabia. Foi assim que, na ansiosa expectativa de

felizes proveitos, aguardei a abertura matinal das portas do templo. (...) Nesse momento, chegaram, vindo de Hípata, os servidores que eu deixara lá, no tempo em que fui logrado com o funesto engano de Fótis. Tinham, como imaginais, ouvido contar minha história, e até me traziam o cavalo que sabeis. Passara ele de um para outro dono, mas, reconhecido pela marca num dos flancos, tinham se apossado dele. E eu não cansava de admirar-me do feliz acordo entre a realidade e o sonho, que não somente anunciara um proveito, como fizera alusão, na figura de um servidor chamado Cândido, à cor do cavalo que me seria entregue (XI, 20).

Ele insiste com o sacerdote em ser iniciado sem demora, mas é informado de que a deusa indica a época que tal iniciação se dará e isto ocorre por um aviso através de sonho. A iniciação, por sua vez, significava morrer e renascer:

O próprio ato da iniciação representa uma morte voluntária e uma salvação obtida pela graça. O poder da deusa atrai para si os mortais que chegados ao fim da existência pisam a soleira onde se acaba a luz; devem eles, porém, saber guardar os segredos da augusta religião. De algum modo, ela [a deusa] os faz renascer por sua providência. Abre-lhes, devolvendo-os à vida, uma carreira nova (XI, 21).

O sacerdote diz que ele tem que morrer para obter a salvação eterna. Finalmente, o sacerdote diz que chegou o dia da iniciação e ensina-lhe os preparativos, dos quais fazem parte a abstinência do consumo de carne, a purificação com banhos, o uso de roupa branca de linho que nunca fora usada. (XI, 21-22). Finalmente, depois da parte pública da iniciação, ele é iniciado nos mistérios e passa por experiências místicas e individuais que o transformam espiritualmente.

Talvez, estudioso leitor, te perguntes (...) o que foi dito, o que foi feito em seguida. Eu o diria, se me fosse permitido. (...) Escuta então e crê: tudo que vou dizer é verdade. Aproximei-me dos limites da morte. Pisei o portal de Prosérpina, e voltei, trazido através de todos os elementos. Em plena noite, vi brilhar o Sol, com uma luz que cegava. Aproximei-me dos deuses dos infernos, dos deuses do alto: vi-os face a face e os adorei de perto (XI, 23).

Repare-se que, nesta iniciação, além de experimentar uma espécie de êxtase, de saída do meio natural e social, o herói experimenta uma espécie de morte, o que lhe garantirá, no entanto, estar pronto para uma nova vida. Esta experiência, inclusive, traz o contato não só com os infernos e seus deuses, mas um contato com os elementos, uma espécie de viagem astral, numa completa inversão do que ocorria com a magia negra, que conseguia apagar a luz sideral.

O autor, no entanto, diz que, após esta primeira iniciação, volta para Madaura e de lá vai para Roma (XI, 26), o que é interessantíssimo, pois o narrador fictício, Lúcio, agora se mostra ser o próprio Lúcio Apuleio. Se a história é grega no estilo, *contos milésios*, grega na mistura de gêneros – *romance grego* e fábulas – e seu autor tem origem grega pelo parentesco com Plutarco (I, 1, e II,3, pois Birrena lhe diz serem ela e a mãe de Lúcio duplamente parentes, pois eram irmãos de leite e “*oriundas da família de Plutarco*”), isto significa, a meu ver, a filiação neoplatônica de Lúcio Apuleio e a influência plutarqueana em sua obra filosófica. No entanto, a história insere-se no contexto romano do Alto Império, século II d. C., um contexto em que o cristianismo já era divulgado, embora ainda não fosse oficializado. Creio que se pode dizer que este romance é uma forma autobiográfica e romanceada de apresentar e discutir o processo judicial pelo qual Apuleio passou depois de seu casamento com uma viúva, por parte dos filhos e herdeiros dela, inconformados com a nova situação.

Mais um ano se passou, e ele é informado de que deveria fazer novos ritos de iniciação, pois lhe faltava a luz que vinha do grande Osíris, apesar de bem entrado nos ritos de Ísis. Em novo sonho, vê um fiel da deusa, que, ao acordar, ele encontra: é um dos pastóforos da deusa, chamado Asínio Marcelo, o que não deixava de ter relação com a sua situação anterior de asno (XI, 27). Ele se prepara para a consagração a Osíris: é a festa da Invenção de Osíris, de 28 de outubro a 3 de novembro. Lúcio tem gastos com roupas e outros implementos indispensáveis à sua iniciação, mas os gastos são recompensados com bons proventos,

advogando no fórum na língua dos romanos [e reafirma essas vantagens afirmando] não lamentei (...) nem trabalhos nem despesas, porquanto a providência dos deuses me procurou por modo assaz liberal pelos ganhos por meio dos estipêndios forenses.(...) Incitou-me [Osíris] sob seu patrocínio, a continuar resolutamente no

fórum a carreira de advogado. Que não temesse as maledicências invejosas, provocadas naquele meio por meu trabalho erudito e minha cultura (XI, 28-30).

Assim ele raspa a cabeça, signo dos sacerdotes de Osíris e Ísis, e se dedica ao culto dos deuses nilóticos, a salvo da escravidão e dos vícios.

Conclusão

A história de Apuleio narra o percurso entre as duas metamorfoses e a salvação de Lúcio, devido à intervenção da deusa Ísis, e sua conversão ao culto da deusa, o que implicou iniciar-se nos ritos isíacos e de Osíris. O autor condena a magia e a dedicação aos cultos populares, estrangeiros, não assimiláveis, como o de Sabázio, o da Deusa Síria. Estrutura-se sobre duas oposições: entre escravidão e liberdade e entre magia e *religio*.

A recuperação da forma humana e da liberdade significou a recuperação da cidadania e, ao mesmo tempo, a perda das características servis, não só físicas pelo aspecto asinino, como morais, pelo abandono dos defeitos servis que Lúcio apresentou um dia.

Este relato, que tem traços autobiográficos, significava também uma releitura do processo que Apuleio sofreu por parte de seus enteados, pela acusação que lhe fizeram de interessar-se por magia, prática condenada no Império Romano. A cidadania romana implicou, neste caso, a adoção de uma religião aceita, romanizada, a de Ísis. Ele termina o relato dizendo que não se tornou apenas um sacerdote de Ísis, mas mesmo um dos *quindecenvirii*, “colégio fundado desde os tempos de Sila”. Desse modo, ele se tornara, de curioso por magia, um dos responsáveis pelos livros sibilinos, uma autoridade religiosa romana.

Documentação escrita

APULÉE. *Métamorphoses*. Trad. P. Vallette. Paris: Les Belles Lettres, 1958.

APULEIO. *O Asno de Ouro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

Bibliografia

- ALFOLDY, G. **História Social de Roma**. Lisboa: Presença, 1989.
- ANNEQUIN, J. *et al.* **Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica**. Lisboa: Estampa, 1978.
- ANNEQUIN, J. Lucius-asinus, Psiché-ancilla. **Dialogues de Histoire Ancienne**, 24/1, Paris: PUF, 1998.
- ARAÚJO, S.R.R. O Asno de Ouro: uma metáfora da escravidão. **Phoînix** 12: 257-278, 2006.
- BACTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. O Contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BRADLEY, K. **Slaves and Masters in the Roman Empire**. A Study of Social Control. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- _____. **Slavery and Society at Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- CARDOSO, C. F. **Trabalho Compulsório na Antiguidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. **Narrativa, Sentido, História**. Campinas: Papyrus, 1996.
- CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- DAVIS, B. D. **El Problema de la Esclavitud en la Cultura Occidental**. Buenos Aires: Paidós, 1968.
- FANTHAM, E.. **Roman Literary Culture**. From Cicero to Apuleius. London and Baltimore: The John Hopkins University Press, 1996.
- FINLEY, M. I. Aulo Caprillio Timoteo, negociante de escravos. *In: Aspectos da Antiguidade*. Lisboa: Ed. 70, 1990.
- _____. **Escravidão Antiga e Ideología Moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- FITZGERALD, W. **Slavery and the Roman Literary Imagination**. London: Cambridge University Press, 2000.
- GARNSEY, P. **Ideas of Slavery from Aristotle to Augustine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GIARDINA, A. (org.) **O Homem Romano**. Lisboa: Presença, 1992.

HARVEY, P. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

HOPKINS, K. **Conquerors and Slaves**. Sociological Studies in Roman History. London: Cambridge University Press, 1978.

_____. Novel Evidence for Roman Slavery. **A Journal of Historical Studies**, n.º. 138, feb. 1993. Published by Past and Present Society. Oxford: Oxford University Press, 1993.

JOLY, F. D. **Tácito e a Metáfora da Escravidão**. Um estudo de cultura política Romana. São Paulo: EDUSP, 2004.

TURCAN, R. **Les Cultes Orientaux dans L'Empire Roman**. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

Notas

¹ Ruth Guimarães. O Homem de Madaura. In: APULEIO. **O Asno de Ouro**. Trad. e notas de Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. Na verdade, a autora se refere ao livro XI, não ao capítulo, pois se trata de um texto escrito originalmente em *volumen*, e o livro XI, com 30 capítulos, era todo um rolo de papiro, ao todo 11 papiros constituíam o *volumen*. Os grifos são meus.

² GOLDMANN, L. O Método Estruturalista Genético em Teoria da Literatura. In: **Sociologia da Literatura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 203-19.

³ Além de “romance grego”, as fábulas de Esopo, também este de origem grega, informam esta narrativa.

⁴ Sobre o bilingüismo da África do Norte e seus intelectuais, inclusive Apuleio, veja-se: E. Fantham (1996).

⁵ Não cabe estender-me aqui sobre as várias ocorrências sobre magia no Livro II, e de resto no todo desta obra, mas observo que Lúcio teve um outro aviso significativo de que poderia cair em escravidão por procurar a magia, e tal fato se dá por ocasião do Festival do Riso, em que ele é transformado em estátua, e, aparentemente, teria matado vários cidadãos, quando na verdade o que aconteceu foi ele ter despedaçado vários odres contendo vinho. Não me ocuparei, neste texto, das diversas ocorrências sobre magia, como a história de Telifrão, por exemplo.

⁶ Segundo W. Fitzgerald (2000), a imagem da coruja e outras aves era associada à dos traficantes de escravos.

⁷ O autor faz um comentário sobre a desconfiança que a Igreja católica nutre, naquele tempo e ainda hoje, em relação às práticas deste tipo, que fogem à mediação da Igreja, e mostra que os cristãos usaram contra os pagãos a mesma palavra

infamante superstição: “Por definição, toda a “superstição” é irracional na medida em que é dissidente (...). Esta hostilidade de princípio à *externa superstitio* tocava singularmente os cultos orientais em razão direta de sua expansão irresistível (...) dando um sentimento de vertigem e de pânico aos romanos ciosos da identidade nacional. Estas devoções eram estrangeiras, sobretudo ao espírito e ao temperamento romano. Elas contribuem para (...) alterar e adulterar (...) o *mos maiorum* (...).” (TURCAN, 1992, p. 17).

⁸ Um colégio de especialistas, encarregados de guardar os livros sibilinos, os interpretava – com o acordo do Senado – para dar uma caução oracular à adoção de novos cultos. A partir de Sulla eles são 15, daí o título *quindecenvirii*. Dar nomes latinos aos deuses estrangeiros, além do reconhecimento, contribuía para afastar ou combater a xenofobia. R. Turcan, op.cit., p. 18. O autor diz que Ísis, assim como Epona dos gauleses, e outros deuses (Mitra) ganharam todas as camadas da sociedade urbana e romanizada. Não são os deuses romanos que se impõem no Oriente, e sim o contrário.

⁹ Segundo Harvey (1987), Serápis é o próprio deus Osíris; a etimologia desse nome é obscura, mas talvez houvesse a junção de Osíris-Ápis, ou seja, Serápis. De qualquer forma, é um deus sofredor, que morreu e renasceu graças aos poderes de sua esposa Ísis. Sua festa ocorre ente 28 de outubro e 3 de novembro.

¹⁰ Em primeiro lugar, o autor destaca que os deuses tinham ligações com profissões – comerciantes-Hermes –, mas aos poucos a adoração aos deuses vai ultrapassando essas competências originais. Certos problemas – medo da fome, dos riscos do comércio, das campanhas militares – remetem o homem à procura de um deus/uma deusa de feição mais geral, universal, que o proteja; é o caso de Ísis. Ísis passava por proteger os navegadores (TURCAN, 1992, p. 30-33).